

Seres do Mar Tenebroso e animais exóticos para lá das Tormentas

Beings from the Tenebrous Sea and exotic animals from beyond the Cape

CARLA MARIA REIS VIEIRA FRAZÃO*

Artigo completo submetido a 5 de maio e aprovado a 23 de maio de 2015.

*Portugal, Artista Visual. Professora de Educação Visual e de Educação Tecnológica. Graduação: Licenciatura em Ensino, Educação Visual, Escola Superior de Educação de Leiria, Instituto Politécnico de Leiria (ESEL-IPL). Mestrado em Educação Artística, Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes (FBAUL).

AFILIAÇÃO: Agrupamento de Escolas Marinha Grande Poente, Morada: Rua Professor Alberto Nery Capucho, Apartado 385, 2430-231 MarinhaGrande, Portugal. E-mail: frazaocarlaeis@sapo.pt

Resumo: Projeto “Seres do Mar Tenebroso e animais exóticos para lá das Tormentas” desenvolvido com uma turma do 6º ano, nas disciplinas de Educação Visual e de Educação Tecnológica. Relacionaram-se conteúdos, promoveram-se práticas de expressividade, exploraram-se meios e matérias de representação, observaram-se obras de arte, estimulou-se o imaginário.

Palavras-chave: arte / animais estranhos / expressão visual / imaginário.

Abstract: Project “Beings from the Tenebrous Sea and exotic animals from beyond the Torments” developed with a 6th grade class in Visual Education and Technological Education (arts subject). Contents were related, works of art were studied, expression practices were promoted, means and materials of representation were explored, hence exploring the imaginary.

Keywords: art / odd animals / visual expression / imaginary.

Introdução

[...] *Atalaia avançada do deserto marcava um dos términos do mundo* (Brás de Oliveira, apud Peres, 1982: 42).

[...] *a lenda do Mar Tenebroso descrevia um oceano habitado por seres estranhos e mergulhado em escuridão constante, onde todos os navios naufragariam nas ondas medonhas ou nas águas ferventes* (Oliveira Marques, 1980: 199).

Os relatos sobre as dificuldades de navegação no *Mar Tenebroso* e de transposição do *Cabo do Medo* e do *Cabo das Tormentas*, o temor pelo desconhecido e pela passagem do limite oceânico onde “navio que lá passe jamais poderá tornar” (Zurara, apud Cortesão, 1979: 249), o ideário medieval e as lendas relativas à existência de feras e de monstros marinhos que, nessas águas inóspitas, fariam desaparecer embarcações e marinheiros, os animais exóticos conhecidos no continente Africano e na Índia, assim como a chegada de um rinoceronte a Lisboa (enviado ao rei D. Manuel I), fundamentaram a escolha do tema da Unidade de Trabalho. A partir deste cenário de referências foi estruturada uma prática pedagógica, desenvolvida nas disciplinas de Educação Visual e de Educação Tecnológica, que propõe a representação de um ser marinho imaginário ou de um animal invulgar, dado a conhecer com as novas rotas marítimas e as expedições nos territórios longínquos.

No projeto, dinamizado com alunos do 6º ano, do Agrupamento de Escolas Marinha Grande Poente, foi promovida a utilização da obra de arte enquanto recurso para a ampliação das referências visuais e o fomento da imaginação, a interseção de conteúdos disciplinares, e para dar novos significados à aprendizagem. As ações de expressão promoveram práticas de experimentação plástica, facultaram o desenvolvimento de destrezas e suscitaram a curiosidade dos alunos, tendo tornando as experiências e as aprendizagens mais significativas.

1. Seres do *Mar Tenebroso* e animais exóticos para lá das *Tormentas*

1.1 Articulação disciplinar e convergência de saberes

O conteúdo relativo à expansão marítima portuguesa serviu de base à escolha da questão, ou assunto, que catalisaria a estruturação do projeto de trabalho, tendo possibilitado estabelecer relações entre saberes das disciplinas de História e Geografia de Portugal, de Educação Visual e de Educação Tecnológica.

A organização da atividade foi ao encontro de enunciados inscritos nas Metas Curriculares, nomeadamente das disciplinas de Educação Visual e de Educação Tecnológica, que preconizam a realização de ações que auxiliem a desenvolver a

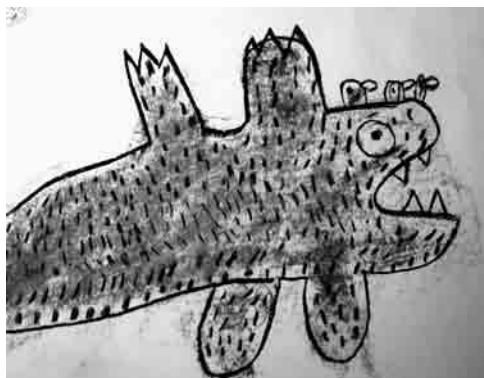


Figura 1 · Aluno a efetuar o estudo do ser marinho fantástico escolhido. Utilização de grafite e lápis de cera (2015). Fonte: própria.

Figura 2 · Aluno a efetuar o estudo do animal exótico escolhido. Utilização de lápis de cera (2015). Fonte: própria.

Figura 3 · Pormenor de estudo para monstro marinho com aplicação de carvão e de sanguínea. Trabalho de aluno do 6º ano (2015). Fonte: própria.

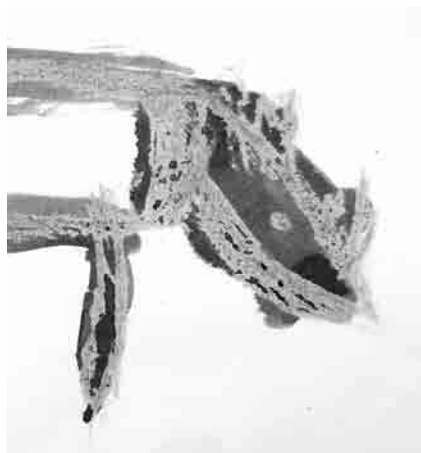


Figura 4 · Pormenor de estudo de animal exótico (rinoceronte) com experimentação de técnica mista: aguada sobre lápis de cera. Trabalho de aluno do 6º ano (2015). Fonte: própria.

Figura 5 · Alunos a modelar os seres fantásticos e os animais exóticos em argila (2015). Alunos do 6º ano. Fonte: própria.

Figura 6 · Alunos a modelar os seres fantásticos e os animais exóticos em argila (2015). Alunos do 6º ano. Fonte: própria.

criatividade e a imaginação, que facultem vivências de diferentes universos visuais, que possibilitem a operacionalização de ações e de experiências práticas que se transformam numa parte ativa do conhecimento, proporcionando a articulação e o enriquecimento de conteúdos, assim como a assimilação de conhecimentos em rede e a sua ampliação (Portugal, Ministério da Educação, 2012a: 3; 2012b: 3). O entrecruzar de conteúdos e as diferentes práticas de expressão e de representação visual auxiliaram a efetuar o reforço das aprendizagens, assim como a mobilizar diferentes sentidos na aquisição de conhecimento.

1.2 *Descritores de Desempenho* e obra de arte em sala de aula

Apesar do registo visual (desenho/ expressão plástica/ modelação) ter assumido relevância durante o decorrer da Unidade de Trabalho, a ação pedagógica enfatizou a abordagem dos objetivos gerais (na disciplina de EV) respeitantes ao património, inseridos no Domínio *Discurso* (D6). Os *Descritores de Desempenho* apontam, nesse parâmetro, para a interiorização de saberes relativos a: noção, valor, e identificação de património; enquadrar a obra de arte enquanto património cultural e artístico; existência de relações entre património e identidade cultural; estabelecer relações entre experiência pessoal e o modo como se interpretam imagens e artefactos; estudo de trajetórias históricas e influência no presente, etc. (Portugal, Ministério da Educação, 2012a: 9). Tendo em atenção a média de idades dos alunos (11 anos) do grupo/turma, assim como o seu contexto socioeconómico (carenciado) e as suas vivências, a falta de hábitos de frequência de museus e de contacto com obras de arte, os conceitos desses enunciados nem sempre se apresentam de fácil abordagem. O estudo dos mesmos envolve noções subjetivas e aprendizagens que requerem capacidades para estabelecer relações entre diferentes factos — perante estas dificuldades emergem interrogações sobre o modo de falar, de aprender e de compreender “arte”/ “cultura”/ “património”.

A aproximação aos referidos objetivos decorreu da observação de representações de obras de arte, e foi ilustrada com referências a relatos que aludem aos perigos da navegação atlântica, e aos “guardiões” (o Mostrengo e o Adamastor) que protegiam os seus domínios oceânicos. Esta contextualização visou ajudar os alunos a situarem-se numa determinada ambiência espaço-temporal, e auxiliar à perceção do modo como os factos e o envolvimento podem influenciar o imaginário e as representações.

Este enquadramento da obra de arte em sala de aula e nas atividades possibilitou, assim, estabelecer vínculos entre ideias e conteúdos (tendo sido um recurso potenciador de aprendizagens transversais), facilitou a aproximação a

noções relacionadas com: arte/artista/realidade/identidade cultural; o objeto artístico enquanto referente testemunho de conhecimento, de ações, de acontecimentos e de modos de pensar.

1.3 O desenvolvimento do projeto

A prática pedagógica foi dinamizada com alunos do 6º ano, e envolveu ações complementares nas disciplinas de Educação Visual (EV) e de Educação Tecnológica (ET).

Após a apresentação da temática que iria alicerçar o projeto de trabalho, na disciplina de EV, foram observadas imagens de representações de obras de arte que continham referências ao assunto em estudo: gravura de *Rinoceronte* de Dürer, o rinoceronte na Torre de Belém, e cartas náuticas que continham figurações de monstros marinhos. Com o intuito de ampliar as referências visuais dos alunos foram, ainda, visualizadas imagens de gárgulas, existentes em algumas catedrais medievais (por exemplo de *Notre-Dame*), e algumas representações que constam no livro *Vingt cinquième livre traitant des monstres et prodiges*, de Ambroise Paré (1585), tendo sido dado destaque à morfologia e à expressividade dos seres híbridos imaginários. Posteriormente foram também observadas imagens de: pintura rupestre com rinoceronte, *As Tentações de Santo Antão* de H. Bosch, e de cerâmica de Rosa Ramalho. De acordo com Vygotsky (2009:17-8) a atividade da imaginação da criança será mais produtiva com a riqueza, a variedade da experiência acumulada, e a abundância os elementos que possui.

Depois desta contextualização, e da pesquisa de imagens de rinocerontes, elefantes e de animais marinhos, os alunos iniciaram o desenvolvimento de estudos sobre os animais exóticos revelados com as novas rotas marítimas, ou sobre os seres marinhos fantásticos que atormentariam os navegadores durante a travessia atlântica (Figura 1 e Figura 2).

Durante a fase de elaboração dos registos gráficos foram abordadas noções relativas à percepção da forma, à representação visual, ao acentuar da expressão, ao “rasto” do traço, à mancha, ao contraste, e a particularidades expressivas de alguns meios riscadores desconhecidos dos alunos (carvão, sanguínea, pastel seco) (Figura 3). Foram também realizadas técnicas de expressão (técnicas mistas) que possibilitavam a experimentação e a exploração de materiais com diferentes características — por exemplo: aguada de tinta sobre lápis de cera (Figura 4), “gravura” sobre papel preparado com lápis de cera e tinta.

Depois da seleção do animal, e do desenvolvimento dos estudos visuais, foi proposto a representação dos mesmos em volume, através de modelação em argila. A concretização deste objetivo ocorreu na disciplina de ET, após o estudo



Figura 7 · Alunos a efetuar a caraterização da superfície do revestimento do animal. Exploração de texturas (2015). Alunos do 6º ano. Fonte: própria.

Figura 8 · Alunos a efetuar a caraterização da superfície do revestimento do animal. Exploração de texturas (2015). Alunos do 6º ano. Fonte: própria.

Figura 9 · Aluno a efetuar a caraterização da superfície do revestimento do animal. Exploração de texturas (2015). Alunos do 6º ano. Fonte: própria.

Figura 10 · Aluno a efetuar a caraterização da superfície do revestimento do animal. Exploração de texturas (2015). Alunos do 6º ano. Fonte: própria.

do conteúdo referente aos materiais e às suas propriedades (Domínio *Técnica*, T6). A sugestão de trabalho foi recebida com entusiasmo e curiosidade, pois os alunos nunca haviam tido oportunidade de manusear essa matéria.

Apesar da satisfação manifestada pela utilização do novo meio de expressão, e depois dos primeiros contactos com a argila, constatou-se que muitos alunos começaram a apresentar algum desânimo face às dificuldades que sentiam. De um modo geral apresentavam dúvidas sobre o modo de iniciar a transposição dos desenhos para os registos tridimensionais — tendo um aluno comentado: “é difícil, estamos a pensar e a ver uma coisa, e as mãos não fazem o que nós queremos!” O desalento ocasionou momentos de alguma instabilidade; verificou-se que o grupo/turma, apesar de ter interiorizado noções de carácter teórico e técnico (plasticidade, ocar as peças, processo de união das partes, acondicionamento/humidade, etc.) não havia compreendido os esclarecimentos sobre configuração da forma global/ volume/ partes, que haviam sido apresentados anteriormente. Para ultrapassar os obstáculos iniciais foi necessário efetuar a exemplificação de possíveis modos de apontamento, ou de aproximação, aos principais volumes dos seres, tendo por base dois projetos de alunos.

Após estas explicações e demonstrações o grupo/turma dedicou-se com renovado interesse à modelação das figuras que havia estudado (Figura 5 e Figura 6).

É de anotar que apesar de constrangimentos inerentes à dimensão da turma (28 alunos), ao tempo necessário à organização da sala, à falta de autonomia e de ter sido necessário dar apoio individualizado a alguns alunos, o grupo manteve-se motivado e empenhado na atividade. Quando começaram a surgir as primeiras figuras foi notório o contentamento que os alunos manifestavam, exibindo com orgulho o seu trabalho, e aplicando-se com cuidado no aperfeiçoamento das formas, assim como na exploração de diferentes impressões (a textura) para caracterizar a superfície do revestimento dos seres (Figura 7 e Figura 8). A visualização de alguns destes trabalhos já concluídos (Figura 9 e Figura 10) serviu de estímulo aos restantes elementos da turma, pois também eles ansiavam terminar e perceber o resultado final dos seus animais. É também de realçar o facto de, aula após aula, se ter observado uma evolução a nível da destreza manual, verificando-se, ainda, que os alunos tinham noção da sequência de ações a prosseguir, tendo em atenção um determinado objetivo a alcançar.

Conclusão

A integração pedagógica da obra de arte e a promoção da proximidade aluno/ obra de arte foram os objetivos estruturantes da prática educativa. A inclusão contextualizada do objeto artístico, em sala de aula, proporcionou a articulação

de conteúdos, tendo sido um meio importante para enriquecer e reforçar conhecimentos, estabelecer relações entre modos de aprendizagem e para dar sentido à experiência. Este diálogo em torno da obra de arte auxiliou a sensibilizar os alunos para a necessidade de desenvolverem um olhar crítico e instruído, que procura significados no complexo meio visual que os rodeia, e nas mensagens transmitidas pelas imagens. A ampliação das referências visuais dos alunos também foi importante para os dotar de elementos, ou recursos, que poderiam ser reorganizados, e ensaiados na exploração de novas representações.

A organização das dinâmicas envolveu a realização de ações que possibilitaram entrecruzar dimensões relacionadas com: a observação/análise de obras de arte; a localização num determinado contexto histórico; a abordagem de saberes do domínio da linguagem e da representação visual; e a realização de atividades de expressividade promotoras da criatividade e de destrezas — estes são eixos/dimensões que se encontram apontados em propostas educativas como a DBAE, a *Proposta Triangular*, o *Roteiro para a Educação Artística* (UNESCO).

No projeto é de destacar o envolvimento do grupo/turma, em especial nas práticas que envolveram o manusear da argila. Apesar de dificuldades (iniciais) relacionadas com o “fazer” das formas, ou a aproximação às **figuras dos projetos**, os mesmos foram perseverantes, procuraram superar obstáculos, e concretizar os seres que haviam imaginado.

Tendo em atenção a recetividade à **prática educativa observa-se que os alunos** demonstraram interesse no contacto com a obra de arte, e os resultados superaram as expectativas. Assim, é importante ter em atenção que parte do que a criança aprende depende do que tem oportunidade de experimentar e da emoção, dado que os sentimentos estão ligados ao pensamento produtivo (Eisner, 2012: 64; 2002: 25). Também os “contextos de aprendizagem” e o envolvimento do aluno condicionam as aprendizagens, pelo que as “coreografias didáticas” (Ferreira, 2007: 74-5) necessitam de incluir novas experiências, suscitar curiosidade, considerar diferentes modos de aprender (pensar, ver, fazer). É pois essencial que as **práticas educativas sejam direcionadas para os interesses dos alunos**, e que possibilitem conferir novos significados à aprendizagem, de modo a cativar e a auxiliar a minorar situações de falta de motivação, e de pouca participação nas atividades de sala de aula (Arnheim, 2010: 58).

Referências

- Arnheim, Rudolf (2010) *Consideraciones sobre la educación artística*. Barcelona: Espasa Libros, Paidós, (5ª edição). ISBN: 978-84-7509-877-7.
- Cortesão, Jaime (1979) *História dos Descobrimentos Portugueses*. Vol. I. Portugal: Círculo de Leitores.
- Eisner, Elliot W. (2002) *La escuela que necesitamos: Ensayos personales*. Buenos Aires: Amorrortu Editores. ISBN: 950-518-824-2.
- Eisner, Elliot W. (2012) *Educar la visión artística*. Barcelona: Paidós Educador. ISBN: 978-84-493-0146-9.
- Ferreira, António Quadros (2007) *Pensar a Arte, Pensar a Escola*. Porto: Edições Afrontamento. ISBN: 978-972-36-0907-3.
- Oliveira Marques, A. H. (1980) *História de Portugal: Das Origens às Revoluções Liberais*. Vol. I. Lisboa: Palas Editora.
- Peres, Damião (1982). *A história dos descobrimentos portugueses*. Porto: Vertente.
- Portugal, Ministério da Educação (2012a) *Metas Curriculares: Educação Visual, 2º e 3º Ciclo*. Portugal: Departamento da Educação Básica.
- Portugal, Ministério da Educação (2012b) *Metas Curriculares: Educação Tecnológica, 2º Ciclo*. Portugal: Departamento da Educação Básica.
- Vygotsky, Lev (2009) *A Imaginação e a Arte na Infância*. Lisboa: Relógio d'Água Editores. ISBN: 978-989-641-045-2.